

# VERTICE

Revista bimestral Maio-Junho de 1993 Preço: 1050\$00 inclui IVA II Série

## Em Questão

### O património cultural em Portugal

Textos de J. P. Avelãs Nunes ▼ José M. Amado Mendes ▼ Paulo Varela Gomes ▼ Jorge Carvalho ▼ Nuno Rosmaninho e Margarida Donas Boto ▼ Adília Alarcão ▼ Luís Raposo ▼ António José C. M. Nabais ▼ Alessandro Dell'Aira ▼ Marc Denhez ▼ Walter Jamieson ▼ Vítor Serrão ▼ Luís dos Santos Ferro



## Em Diálogo

Entrevista com Susan Bassnett  
(Ana Gabriela Macedo e João Ferreira Duarte)

## Em Estudo

Repensar a ciência (Raquel Gonçalves) ▼ A Geografia Aplicada (Jorge Manuel Gonçalves) ▼ Movimento e pintura (António Quadros Ferreira) ▼ A integração do deficiente mental após formação profissional (José Maria do Carmos Moreno Afonso, José António Afonso)

## Em Movimento

Repetição, (in)diferença (Fernando Guerreiro) ▼ Eles só são grandes porque estamos de joelhos (Araújo Moreira) ▼ José Rodrigues Miguéis e o seu contrabando literário (Vamberto Freitas) ▼ Abel Salazar e a oportunidade do seu *A crise da Europa* (Sérgio Ribeiro) ▼ Escrito a negro — Evocando António L. Carrilho — o amigo, o colega, o universitário (Margarida Amoedo) ▼ Arqueologia emocional (Alessandro Dell'Aira)

54

## Arqueologia emocional

### Itália e Portugal em confronto acerca de lugares e questões fascinantes para o estudioso e para o amador

Todas as quintas-feiras à tarde, durante um mês e meio e sem muitas formalidades, estudiosos e apaixonados de arqueologia participaram no ciclo de conferências e exposições «Arqueologia emocional», a cargo do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa e do Museu Nacional de Arqueologia de Belém. Título do ciclo: «Arqueologia emocional». Temas: cidades antigas reaparecidas (Pompeia/Conímbriga); duas histórias de fronteira (Similaun/Mértola); dois museus em águas livres (Ústica/Salema).

Lisboa, Dezembro de 1992.

Francisco Alves diz ser um «arqueólogo anfíbio». Ajuda os seus homens a colocar os dois canhões que extraíu dos restos do *Océan*, o navio almirante do rei de França que a frota inglesa afundou em 1759, no decurso da batalha de Lagos. As suas bocas de fogo estão dirigidas para o Tejo, a nível horizontal, logo atrás de uma grande janela do auditório do museu. As peças ainda estão por restaurar, mas numa das duas Francisco teve tempo de pôr a brilhar perfeitamente o emblema com as flores-de-lis de Luís XV.

Tem início o quinto acto de um torneio singular entre Itália e Portugal. O campo é o Mosteiro dos Jerónimos, sede do Museu Nacional de

Arqueologia e do Museu de Marinha. Estamos a dois passos da Torre de Belém e do poderoso Palácio da Cultura, de Vittorio Gregotti, uma fortaleza do último quartel do século XX. Um «esse» de 36 painéis, branco, gigantesco, desenrola-se no centro do auditório. Os canhões de Alves estão aninhados na barriga baixa do esse. De um lado expõe a Itália, do outro Portugal. No topo do esse, o espaço para as conferências. Do outro lado, de frente para quem entra, um menhir cor de biscoito, apontado como um morteiro contra as abóbadas manuelinas do auditório.

Coube a Baldo Conticello abrir «Arqueologia emocional». Não podia deixar de lhe caber a ele, o superintendente — seria melhor dizer o «presidente da câmara» — da antiga Pompeia. Conticello está apaixonado pela sua cidade. Entre parêntesis, a ideia do ciclo deve-se a uma observação que deixou escapar a quente no ano passado, durante uma escavação. O «emocional», a nível de arqueologia, não está no objecto encontrado ou na paisagem. É um arrepio da alma, uma vibração subtil que sentem os astrónomos, os físicos, os arqueólogos, às vezes também os historiadores experimentais. É o gosto de descobrir no acto da descoberta. Dito de uma forma vulgar, catódica, é o que distingue Indiana Jones de Michael Jackson. Não vale a pena armar-se em esquisitos.

Durante seis quintas-feiras seguidas, no museu, fez-se espectáculo. Também a SIC, a única TV privada portuguesa no ar há poucas semanas, foi ver.

O ciclo foi longamente pensado e apressadamente organizado por dois organismos europeus: um museu português e o Instituto Italiano de Lisboa. Foi um desafio contra o tempo e os recursos. Pouco tempo, pouco dinheiro, muita vontade de fazer. Recentemente alguém, um senhor qualquer — Enzo Biagi —, ao falar de cultura disse que «está na hora de renunciar aos frutos exóticos e de voltar à maçã». Cursos e recursos da cultura. Mas nesta Europa há quem sempre se movimentou calçando sapatos de ténis.

Conticello e a sua cidade, celebrada com 30 gravuras antigas sobre Via dell'Abbondanza, desafiam Conímbriga e Adília Alarcão, directora de um *Museu Monográfico* discretamente mergulhado entre os mosaicos romanos e as vilas da cidade antiga. O seu tema é a poesia e a pedagogia do lugar. Adília ofereceu-nos 30 fotografias de Neal Slavin. Anos 60, a preto e branco, emocionais. Tenta-nos com uma *nuance* requintada: o olho do fotógrafo sobre Conímbriga, o do arqueólogo sobre Pompeia. Um desafio estupendo. Italianos, vamos ver o que sabem oferecer-nos. Uma maçã é uma maçã, fruto saboroso, local, é a oferta

de Eva e de Páris. O Instituto Italiano lembra-se de ter na sua biblioteca o Atlas de Vittorio Spinazzola. Extraí dele 30 gravuras (soltas), emoldura-as e manda-as em digressão durante 10 dias.

O trunfo do Instituto Italiano era o homem do Similaun, o *jocker* de Portugal era Cláudio Torres, *genius loci* de Mértola.

Mértola é uma pequena Toledo, situada na confluência do Guadiana com o Oeiras. Tal como o Tejo em Toledo, para usar as palavras de Gómez de la Serna, o Guadiana apazigua-se às portas de Mértola e de cimitarra transforma-se em espada. A Espanha fica a dois passos, além das amendoeiras das colinas, o mar de Cádiz está a poucas horas, é um oceano que sabe a Mediterrâneo.

Cláudio Torres, prémio Pessoa 1991, pelos seus méritos de arqueólogo militante, é um homem de fronteira. Não é dos que correm para bloquear uma obra quando já é tarde. É um arqueólogo estancial que renunciou à cátedra universitária e se fixou numa vila-museu, que se arriscava a perder as suas últimas famílias e que, pelo contrário, graças a ele volta a viver. Mais sólido que uma azinheira do Alentejo, é capaz de pedir e obter no campo a modificação de um projecto de construção de uma obra pública. Diz que pelos seus lados o melhor aliado é o general Verão. A Catedral de

Mértola, antiga mesquita, tem ainda um *mirhab* atrás do altar, que sabe muito sobre muçulmanos e cristãos no Ocidente ibérico. Torres começa pela reprodução de uma aluminura medieval, onde dois guerreiros, um cristão o outro muçulmano, amigos-inimigos de verdade, pouco ariostescos, trocam um abraço de paz sem descer do cavalo. Ele, Torres, fez-se preceder em Lisboa pela furgoneta do município com os 24 painéis da sua exposição itinerante, onde etnologia e arqueologia descobrem que ainda se amam e o emocional deixa lugar ao romântico. Na fórmula de Torres, as trações de Myrtilis-Mertula-Mértola do pão à lã, dos moinhos às armações de pesca — se entrelaçam com os monumentos antigos num conto que tem o sabor da açorda, mistura saborosa de pão, azeite, alho, peixe, ovos, ervas aromáticas.

A exposição sobre o Similaun chegou de avião de Milão. Foi oferecida a «Arqueologia emocional» pela Associação Turística do Vale Senales, com a mediação da Superintendência das Antiguidades de Bolzano. Uma estreia, tanto que o último painel ainda está por montar.

Os estudantes de Lisboa puderam olhar nos olhos a múmia, no sentido mais literal, visto que o montanheiro conservou as pupilas. Quem o

apresentou de uma forma aséptica foi Raffaele De Marinis, que percorreu o calvário das superintendências antes de aportar à cátedra milanesa. A sua total, deliberada ausência de emoção na abordagem de um argumento melindroso, para além de gelado pelo onde e o como da descoberta, suscitou por contraste grande atenção e participação. A sua tese do pastor de ovelhas, que parou para descansar no desfiladeiro e morreu por assideração, convenceu o público. Embora haja quem pense numa sepultura ritual de alta cota, como no caso da múmia do Aconcágua. Pena é que não tenha vindo a Lisboa também Hans Nothdurfter, curador da exposição. Mas Nothdurfter fez o seu papel à distância, fornecendo ao colega e amigo, uma semana antes da partida da Itália, o melhor da documentação que possui.

Gianfranco Purpura fechou o torneio, falando de Ústica e de 20 anos de mergulhos épicos, solitários, nas águas da Sicília Ocidental. A segunda ilustração da sua exposição, o itinerário de Punta Gavazzi, pertence a «Archeologia Viva». Reflectindo sobre a experiência concluída, pode-se dizer que os *slogans* de Conticello — «arqueologia emocional» — e de Pruneti — «pedagogia da confiança» — estiveram subjacentes ao ciclo de Lisboa do primeiro ao último

dia. A tutela do nosso passado de mar e de terra é um desafio ao futuro que tem que se alicerçar na consciência da nossa sensibilidade. Os verdadeiros conservadores dos monumentos e do ambiente são os responsáveis naturais, isto é, os que vivem o *lugar*, e não no *lugar*, os que *aquele lugar*, e não outros, exploram ou visitam com amor e respeito.

Purpura é papirólogo, não arqueólogo. Com a arqueologia estabeleceu uma relação atípica e ao mesmo tempo antiga, de «amador» aristocrático. À maneira inglesa, mas sem as intemperâncias e as cleptomanias de antigamente. Falou em Lisboa das suas pesquisas sobre os estabelecimentos para a transformação do pescado, da continuidade cultural e comercial dos lugares, das projecções submarinas da paisagem arqueológica siciliana. Os 67 blocos lanuginosos da *navis lapidária*, nas águas frias de cabo Granitola, são para ale exactamente o contrário do «fuso da Velha», a coluna solitária, erguida num campo de ruínas, que há um século seduzia os visitantes de Selinunte.

Francisco Alves, director do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, foi um dono de casa de poucas palavras, generoso e hospitaleiro, apesar dos canhões. Explorou da melhor forma o seu meio

esse, narrando em 30 quadros as campanhas de escavações sobre os restos do *Océan*, guiando o visitante, sem o cansar, até às duas peças com o emblema do rei de França. Contou que já tinha proposto em Ústica, há alguns meses, a conferência de Lisboa sobre os «navios-fantasmas» que às vezes iludem o arqueólogo demasiado emocional. Francisco, em Ústica, persuadiu-se que o modelo de Punta Gavazzi serve para os restos de *Océan*. O seu projecto está em vias de ser autorizado. A sua grande ambição é a de catalogar, estudar, tutelar os bens arqueológicos subaquáticos portugueses. Por enquanto divide-se entre o museu nacional e o clube *Arqueonáutica*, que de algum modo reconduz ao modelo histórico da *Society of Dilettanti*.

Alves, o anfíbio, abrigou os canhões numa sala interior. A múmia em efígie voltou para as neves do Similaun. A exposição de Mértola navega noutras águas. As gravuras de Via dell'Abbondanza estão de novo no seu lugar, no *Atlas*. De poesia e pedagogia, no auditório vazio do museu, fala ainda a voz doce, incerta, de Adília Alarcão, que até 48 horas antes da sua conferência pensava ter demasiadas coisas a fazer para se ocupar condignamente de Conímbriga. Esteve em risco de deitar tudo a perder, mas por fim convenceu-se. E foi a melhor. ▼